

Maria Lucilia Borges

Universidade Federal de Ouro Preto

Lembranças de uma molécula: Schizomachine, um exercício de escutas possíveis

Um corpo não se define por seus órgãos ou funções, mas por "relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas" (Deleuze & Guattari). Um corpo tampouco se define: um corpo pode. Não se pergunta "o que é um corpo?" mas "o que pode um corpo?" (Spinoza). "O corpo tem um fôlego e um grito" (Artaud). O corpo vibra, portanto. Tem movimento e sensações. "It moves as it feels, and it feels itself moving." (Massumi). Se um corpo não se define por sua forma, mas por sua cartografia (latitude e longitude), quais conteúdos passam por ele? Para começar, o som, que "desenha" sua identidade rítmica ao mesmo tempo que compõe, com outras sonoridades, outros corpos. Cada corpo, uma sonoridade. Individuações sem sujeito. Sujeitos que não se definem por uma "organização binária dos sexos" mas pelos devires que "começam e passam pelo devir-mulher" e precipitam-se em "direção a um devir-imperceptível" (Deleuze & Guattari). Um corpo pode ser qualquer coisa (Deleuze). "Qualquer coisa" soa, porque todo devir é também um devir-sonoro, ainda que imperceptível, indiscernível e impessoal. O corpo é um "aparelho esquizofônico" ("schizophonic machine"), uma "caixa" em cujo interior flutuam afectos, um continente onde repousam o sonoro e o absoluto estado do movimento. Entre eles, uma zona de indiscernibilidade pela qual foi preciso deslizar, a partir das vizinhanças entre os conceitos de silêncio, esquizofonia (John Cage, Murray Schafer), devir-imperceptível (Gilles Deleuze e Félix Guattari), sonocitologia (James Gimzewski e Andrew Pelling), dentre outros, para compor o conceito da obra Schizomachine.
